

Meta Internacional vende para Portugal

por Luiza Pastor
de Brasília

Quando se fala em informática do Distrito Federal, um nome é imediatamente lembrado por todos os empresários do setor, pelo seu pioneirismo na exportação. O nome é Meta Informática, empresa que trabalha no desenvolvimento de software e está exportando seus produtos para Portugal.

Segundo Renato Pinto de Oliveira, sócio da Meta, a oportunidade surgiu quando a empresa participava da Feira Soft-Brasil, realizada em Portugal. "Nós já tínhamos alguns contatos com empresários brasileiros que se haviam radicado em Portugal e os procuramos, nascendo daí a idéia de montarmos uma empresa nossa naquele país e distribuírmos o nosso software através da Meta Internacional", conta Oliveira.

O que parecia muito simples como projeto, acabou se revelando um kafkiano processo de tortura burocrática ao chegar na parte referente à papelada necessária para o embarque dos primeiros 150 disquetes contendo as cópias do software a ser exportado. "Foi um sofrimento só", recorda Oliveira, "chegamos a preencher nove guias de exportação no Banco Central para ouvirmos que todas as nove estavam erradas."

O processo todo, que durou 60 dias, parecia estar encerrado na manhã do dia em que Oliveira faria a segunda viagem a Portugal, quando pensava remeter a primeira leva de disquetes. "Nos disseram que tudo estaria resolvido de manhã, mas quando fomos apanhar a décima guia de exportação, vieram com uma história de que havia nova exigência, que o volume e o capital social não estavam de acordo, enfim, uma confusão." A solução encontrada pelo empresário para não perder a viagem foi pegar os disquetes, enfiá-los em uma caixa e levá-los em mãos para Portugal. Quando, após sua volta, conseguiu finalmente acertar a confusão de guias, co-

locou 150 disquetes virgens no correio, legalizando, junto ao Banco do Brasil, a exportação que na prática já havia saído como contrabando.

Só que a confusão não acabou aí. Ao levar a guia do Banco do Brasil ao Banco Central, novos problemas foram identificados. "Tivemos que reimportar o que sequer havíamos conseguido exportar, para poder regularizar e cancelar a exportação, uma loucura", lembra Oliveira. A partir daí, a empresa começou a estudar a possibilidade de desenvolver em Portugal mesmo o seu software e de lá exportá-lo para toda a Europa, eliminando a burocracia excessiva do processo.

"É um absurdo uma empresa levar anos de investimento em tecnologia e desenvolvimento para criar um programa altamente capacitado e depois ver que não há condições para exportá-lo, enquanto os demais países, como os Estados Unidos, criam todo tipo de incentivo para o repasse de seu software", aponta Oliveira.

O software que levou a Meta ao calvário dos corredores e gabinetes oficiais certamente não comprometeria os números da balança comercial brasileira, representando um aporte de divisas de meros US\$ 17 mil. O prejuízo maior, na verdade, está no gosto amargo de uma experiência que dificilmente a Meta pensará em repetir e na repercussão negativa junto aos empresários do setor. Altamente sofisticado, o programa da Meta permite a geração de automação de sistemas, por meio da criação de novos programas a partir de informações fornecidas pelo usuário, sobre o que quer construir.

Aos 37 anos, e há 25 morando em Brasília, Oliveira representa o típico empresário brasileiro da área de informática. Oriundo da área pública (trabalhava no Ministério do Interior), montou com um colega a empresa a partir da experiência adquirida na prestação de pequenos serviços a empresas e está instalado

oficialmente há seis anos. "Hoje o mercado ainda oferece boas oportunidades a quem quiser se instalar em Brasília, mas é preciso ter em mente que está havendo uma mudança, o que interessa hoje é a especialização", analisa Oliveira.

De qualquer maneira, o empresário alerta para um dos principais problemas que todo recém-chegado deverá ter em mente, em especial se vier de algum dos mercados mais avançados do País, como Rio de Janeiro e São Paulo: em Brasília, no Distrito Federal como um todo, e nas regiões que têm grande potencial e influenciadas diretamente pela capital federal, a informática ainda é considerada pela maioria dos empresários como um luxo ou, pior, uma experiência pouco animadora tida na mão de pessoas inexperientes ou inescrupulosas.